

VIDA MODERNA

Os índios Gaviões fazem a sua Brasília

Eles não querem mais morar na aldeia velha (ao lado). Ricos, estão construindo outra

ROLNAN PIMENTA/AGIL (*)

Os índios Gaviões, moradores da reserva Mãe Maria, ao sul do Pará, vivem uma história a cada dia mais singular. Se quase todas as tribos que entram em contato com os brancos caem numa decadência irremediável, aos Gaviões ocorre precisamente o contrário: estão em pleno processo de ascensão social. Primeiro tornaram-se titulares dos castanheiros encontrados em sua reserva, e logo eram exportadores de castanhas. Depois, porque a Elettronorte precisava passar as linhas de transmissão da Hidrelétrica de Tucuruí pela reserva, os Gaviões receberam, pela derrubada de castanheiros, uma indenização de 40 milhões de cruzeiros, pagos *cash*. O dinheiro foi recebido em junho do ano passado, e pouco depois Kokrenun anunciava como aplicaria os recursos: os Gaviões haviam decidido construir a sua Brasília. Quer dizer, decidiram abandonar a velha e pobre aldeia de casas de teto de palha — “do tempo da mata, lugar feio onde se mora feito porco”, como disse Kokrenun — para viver bem “que nem kupê” (o homem branco) numa aldeia, ou melhor, numa taba inteiramente nova e moderna.

Decidiram e tocaram, à revelia da Funai, que, oficialmente, tutela toda a população indígena brasileira. O arquiteto — porque obviamente se precisaria de um para projetar 33 casas mais as unidades de apoio — estava à mão. Foi escolhido Reginaldo Viana Sá, que mora em Brasília, numa casa que Reginaldo e sua mulher, Beth Marta, também arquiteta, costumavam hospedar seus amigos Gaviões quando estes passavam por Brasília. E

os índios são hóspedes às vezes delicados: vão ficando, vão ficando, não dizem quando pretendem partir e é grave ofensa sugerir qualquer pergunta nesse sentido.

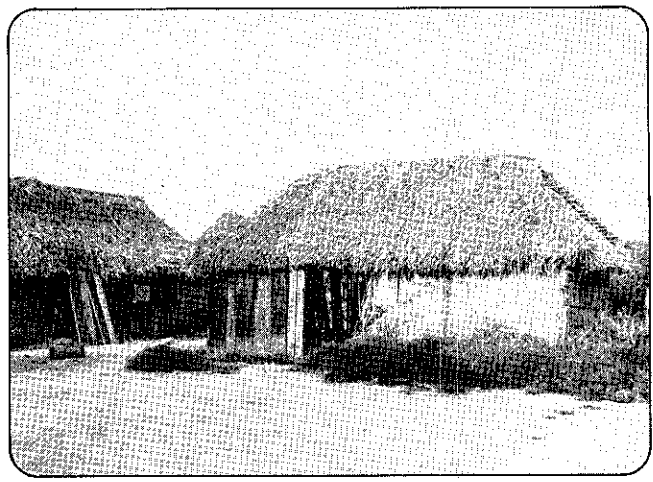
Canteiro de obras. Mas Reginaldo e Beth não se arrependem dessa amizade que começou há quatro anos. E aceitaram com entusiasmo a tarefa de projetar a nova aldeia, embora não suspeitassem dos problemas que isso lhes iria causar. Viana Sá começou a trabalhar em cima de um croqui esboçado pelos próprios índios. Longas conversas com os Gaviões sobre seus hábitos de moradia e vida, visitas à reserva e algumas leituras deram ao arquiteto as idéias para o projeto inicial: 33 casas para os 163 índios da tribo, um salão para TV, jogos, conversas e reuniões, uma cantina (funcionando como depósito de mantimentos), enfermaria, escola com quatro salas de

aula, residência para a professora, garagem-oficina para o caminhão e o jipe Toyota, a frota da tribo, e dois vestiários para o campo de futebol.

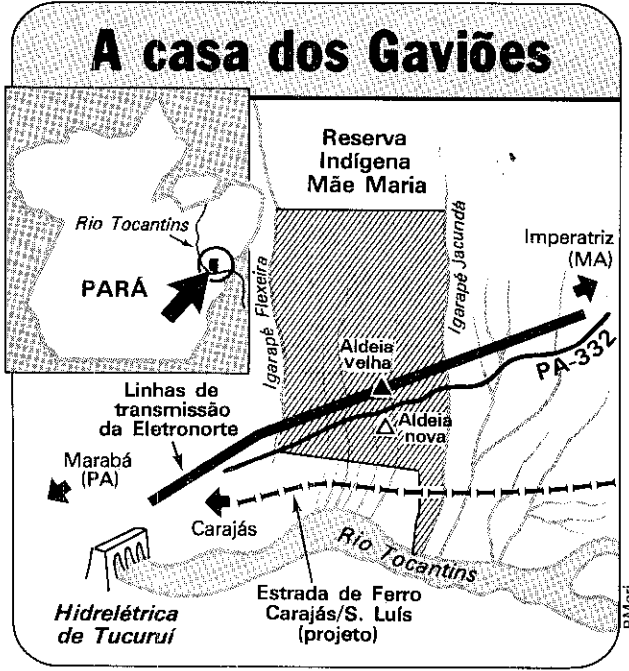
Escolhido o local da nova aldeia, a 1 quilômetro da velha (veja o mapa nesta página), Viana Sá acertou os detalhes contratuais. Pelo projeto não cobrou nada. Não ia cobrar de amigos. Mas foi contratado pela tribo — cujo nome oficial é Comunidade Indígena Parakatejê — para o trabalho de administração técnica das obras, pelo salário de 100 mil cruzeiros mensais. Alguns índios Gaviões estiveram em Brasília para a compra de materiais e a contratação de quarenta peões — embarcados em ônibus especial para a reserva — e em setembro do ano passado Viana Sá estava morando no canteiro de obras da nova aldeia.

A casa do chefe. As casas foram dimensionadas conforme o tamanho de cada família, mas detalhes como localização de janelas, despensas etc. eram discutidos e acertados com os futuros moradores no decorrer da obra. Houve alterações inesperadas, mas absolutamente necessárias, em razão das tradições da tribo.

O índio Kinaré, por exemplo, é líder de um dos três grupos de Gaviões reunidos na reserva. Assim exigiu dos peões que aumentassem de alguns palmos os alicerces de sua casa, para que se destacasse das demais. Já a casa do chefe Kokrenun, desde o início estava projetada para marcar bem a supremacia do chefe. Todas as casas têm um andar, a de Kokrenun é um sobrado, além de ser maior. É a única que tem banheiro exclusivo — nas outras essa acomodação é



Fotos: Ronan Pimenta/AGIL

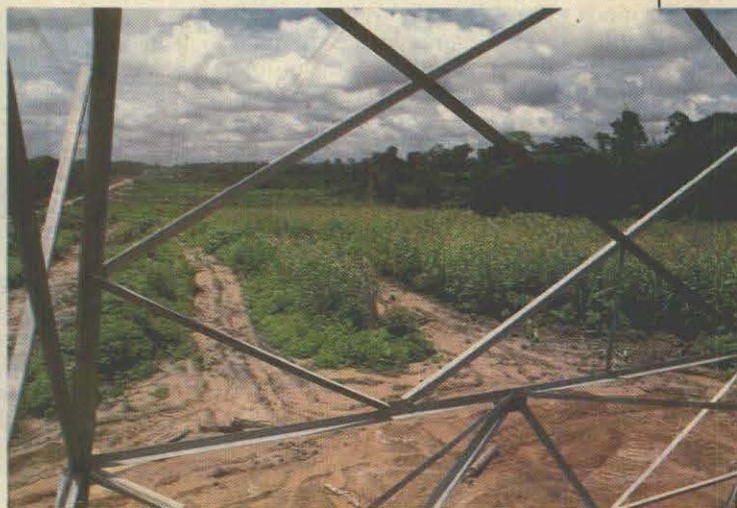


(*) Colaborou Virgina Galvez



A NOVA TABA

São 33 casas para os 163 Gaviões. O projeto mantém as formas das antigas aldeias

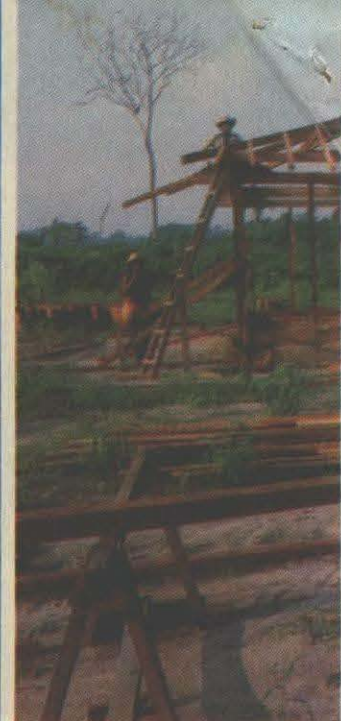


CULTURAS

Na área desmatada para a implantação das linhas, os índios plantam milho e arroz

CANTEIRO DE OBRAS

O arquiteto, sua mulher, filha e o índio Raimundo, o administrador da construção



fora e comum a grupos de casas. A residência do chefe terá ainda uma varanda sobre a entrada principal, de onde esse líder de tradição guerreira dominará o movimento de toda a praça em torno da qual ficam as casas. Dali poderá ver o gado no curral e o horizonte formado pela cepa dos castanheiros — a fonte de toda a boa sorte da tribo. E no futuro, quem sabe, o chefe poderá controlar dali o movimento dos “estranhos”. Ele tem planos de instalar um portão eletronicamente comandado na entrada da estradinha que dá acesso à aldeia nova. O objetivo: controlar a incômoda curiosidade de visitantes — afinal, a reserva está a apenas 30 quilômetros da cidade de Marabá —, que insistem em conhecer e vender bugi-gangas aos índios ricos.

As restrições da Funai. A Funai só tomou conhecimento do que se passava entre os Gaviões em outubro do ano passado através de uma reportagem de ISTOÉ, que contava, então, os primeiros passos para a construção da “Brasília dos Gaviões”. Em outubro mesmo o presidente da Funai, João Carlos Nobre da Veiga, enviou carta ao arquiteto Viana Sá, na qual solicitava informações detalhadas sobre o projeto, inclusive preços e honorários do profissional. E sugeria a paralisação das obras, por ser a “Fundação Nacional do Índio o órgão responsável pela tutela dos índios brasileiros e pela administração de seu patrimônio”.

Essa carta teve duas respostas imediatas. Uma do arquiteto, que defendeu o rigor de seu projeto — “uma extensão natural da antiga aldeia, sem invenções arquitetônicas sofisticadas” — e defendeu o direito de uma nação

indígena, pela primeira vez, “decidir a melhor forma de viver e morar em condições razoáveis”. Quanto ao projeto, incluindo todo o detalhamento técnico e financeiro reclamado pela Funai, o arquiteto esclareceu que pertencia ao cliente, e só este, pela ética, poderia divulgá-lo, se assim o desejasse.

Mas a segunda resposta à carta da Funai deixou claro que o cliente não tinha a menor intenção de fazer isso. Foi a resposta do chefe Kokrenun (leia nesta página) — altiva, algo irada e que revela a situação singular dos Gaviões.

Tutela e autonomia. De fato, como todos os índios, os Gaviões também estão sob tutela da Funai e, assim, entre

outras limitações, não podem manipular patrimônio sem a intervenção direta do órgão oficial. Até 1975, por exemplo, os Gaviões não podiam comercializar suas castanhas — eles as entregavam à Funai e recebiam suprimentos em troca, comprados com a renda da colheita. Mas naquele ano Kokrenun suspeitou de uma manipulação fraudulenta das verbas da tribo e desentendeu-se com os representantes da Funai. Resultou que todo o trabalho de exploração das castanhas — colheita e venda — foi atribuído à responsabilidade da comunidade. Ora, quem colhe e vende castanhas — safra de 2 milhões de cruzeiros no ano passado — tem que poder assinar contratos, pagar e receber, ter conta bancária, firma reconhecida e tudo o

“Quem vai falar é Kokrenun”

O chefe Kokrenun não gostou da carta que o presidente da Funai enviou ao arquiteto Reginaldo Viana Sá, pedindo informações sobre a aldeia nova e sugerindo a paralisação das obras. Kokrenun gravou em fita uma resposta à Funai. Eis alguns trechos dessa fala dura e orgulhosa:

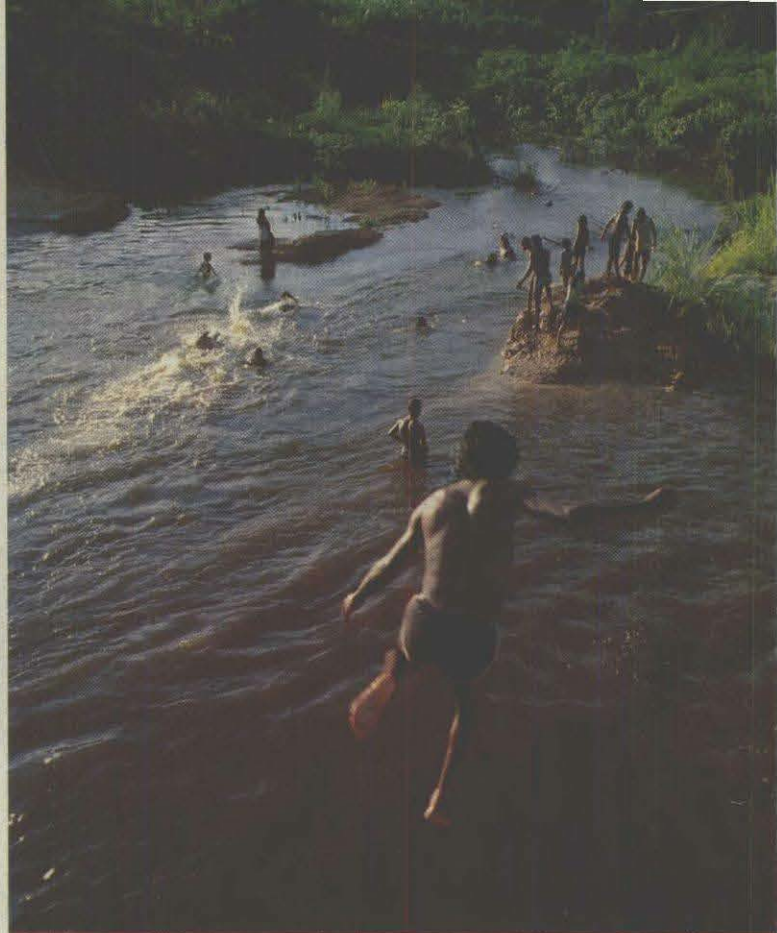
“Quem vai falar aqui é Kokrenun Jo-paipaire. A comunidade não gostou que o presidente mandou carta para o engenheiro Reginaldo mandando parar a obra da nossa aldeia nova. O presidente da Funai, se quiser parar a obra, tem que vir na aldeia e falar na minha frente, como homem... Funai não pode mandar parar obra, parar serviço, porque não são Funai que está

fazendo serviço. Eu não gostei. A comunidade precisa da obra pra melhorar, por isso nós fizemos luta. Nesta luta a Funai não ajudou, nem uma mão. A Funai não ajuda, por que manda parar a obra? Eu preciso morar usando casa bonita. A comunidade mora neste barraco, como porco. Não quero isto, não. Eu quero usar também coisas boas... O kupê (branco) mora bem... Os outros índios estão ruim, passando mal, eu não quero isto, não, quero melhorar, dormir bem, bonita. Eu não gostei da carta, não me respeitou. Somos nós que estamos fazendo, se quiser pode vim aqui, me matar, mas vou construir, vou até o fim, eu quero serviço pronto. Ninguém está botando na mi-



VIDA DE ÍNDIO

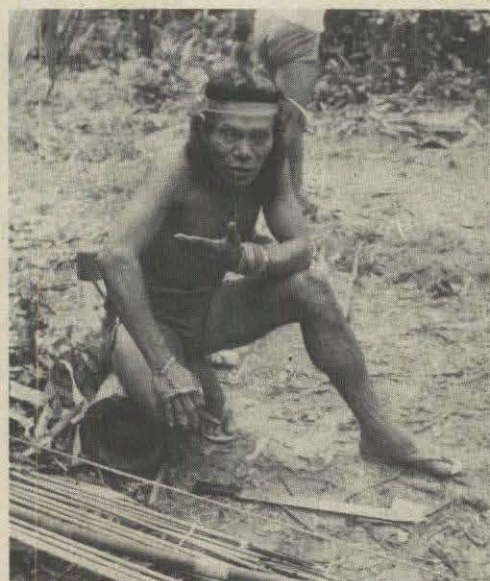
Sob as linhas, o campo de futebol onde o time dos gaviões enfrenta peões e lavradores da vizinhança. As obras, tocadas pelos índios e seus empregados. E toda a tribo se diverte no igarapé Mãe Maria



mais. Assim ficaram os Gaviões, tutelados mas com uma larga autonomia de fato. Quando receberam os 40 milhões de cruzeiros da Eletronorte, o recibo foi assinado pelo chefe Kokrenun Jopaipaire, pelo líder Pinkre Jimonkre Hire e por um representante da Funai. Mas o cheque, em nome da comunidade, foi depositado em três contas mantidas pelos Gaviões em agências bancárias de Marabá. E só eles movimentam as contas.

Juliana e Kriarere. Assim, apesar das restrições da Funai, a obra da nova aldeia continua em andamento e pode ser concluída dentro de dois ou três meses, dependendo da chuva, conforme o arquiteto Viana Sá disse a ISTOÉ, em Brasília, na última quarta-feira, dia 11. Ele deixou a reserva no final de dezembro, quando as casas estavam com alicerces e telhados prontos.

Pelo contrato com a comunidade, ele deveria ficar lá até fevereiro, mas índios e arquiteto resolveram rescindi-lo por causa dos problemas com a Funai e porque Viana Sá precisava estar em Brasília para responder a processos trabalhistas abertos por peões que não gostaram do serviço na reserva. Além disso, os índios, apesar de inúmeros equívocos, já podiam tocar a obra, com peões contratados ali na região. E até fizeram modificações no projeto: as paredes superiores e todas as divisórias internas deveriam ser de madeira. Os Gaviões passaram a fazer tudo em alvenaria. Como se vê, mesmo na reserva Mãe Maria, Viana Sá não escapou da sina de todo arquiteto: o cliente sempre muda o projeto. Mesmo assim, Reginaldo e Beth Marta, que lá passou todo o mês de dezembro, com a filha Juliana, de 3 anos, esperam poder participar da festa inesquecível com que Kokrenun promete inaugurar a nova aldeia. E guardam lembranças agradáveis da vida entre os Gaviões. Viana Sá entrou nos jogos de futebol da tribo. Pintado, o casal participou de danças e cantos. Beth ensinou a mulher de Kokrenun a costurar numa valente Vigorelli. E a menina Juliana correu solta com as crianças da tribo, ficou sendo a namoradinha do menino Kriarere, filho de Kokrenun, e levou sua lembrança para Brasília, um quati.



Kokrenun: "Eu mando, eu faço"

nha cabeça, eu quero por minha conta contratar gente particular amiga. Presidente pode vir aqui, mas obra continua... Ninguém me manda, eu faço... O dinheiro da indenização é pra viver bem, comer, se vestir bem... Dinheiro é pra isto. Não quero ficar rico, não... A Funai nunca teve coragem de vir aqui para explicar como poderia aplicar bem o dinheiro... Agora cadê a Funai? Cadê que estão fiscalizando o serviço da Eletronorte? Cadê o barracão de castanha que o DNER derrubou e prometeu construir outro? Cadê a madeira que o presidente da Funai e Eletronorte prometeu?... Agora eu não quero mais ninguém aqui... Sou Kokrenun, estou gastando dinheiro no serviço, direitinho, certo... A Funai tem que cumprir sua obrigação de ajudar, botar enfermeiro, professor, só. Só não meter a mão no serviço que a comunidade está tocando."